

CHARTRES

1232

É tempo de arar. Na planura enternecida pela chuva caída de noite há um sol escasso entre nuvens galopantes que se vão rasgando no ar. Assim, a luz pálida, de leite, é cortada de brilhos de prata. Um homem conduz dois grossos cavalos, e o ferro vai arando essa boa terra de França. Mais além se amontoa o feno.

Desprezamos a estrada grande, e Versalhes, Rambouillet; o rei Luiz que vamos visitar é São Luiz, que rezou na primeira missa de Chartres. Não queremos topar fidalgos vestidos de seda nem marias antonietas; somos quatro campônios na viatura. Um é Graciano, com sua nobre cara de cavalo triste; outro, redondo e tósco manjador de polenta, é Volpi, e essa cabeça de queijo romano é Zanini; eu sou um escuro búlgaro de Itapeirim.

O pequeno caminho que intentamos é mais sensível ao chão; é desses caminhos que vão lambendo o chão, obediente às mais leves ondas de terra e curvas de água. Ele nos meneia entre as árvores com sossêgo; não temos pressa, não precisamos correr na monótona e fria faixa de cimento liso da grande rota nacional.

Passamos por aldeias lentas, depois avançamos no campo imenso. Então nascem, no fundo do horizonte, as tôrres da Catedral. E vão se erguendo, como dois mastros no mar; vão se erguendo à medida que avançamos por esse longo chão-oceano. A cidade, só de bem perto a veremos; antes é tudo apenas o Campo e a Ca-

tedral. A caminhante Péguy a veria talvez, na cadência da marcha, oscilar na sua altura, essa grande Nau Divina, sobre o mar dos campos.

Chegamos. É a majestade soberana. Huysmans disse: loura de olhos azuis. Por dentro, essas nervuras finas, no alto céu de penumbra suave lembram o avêssio de folhas tenras.

Tôdas as gemas do mundo não valem esses vitrais; são tão belos e altos que entristecem, comprimem o coração. Não são coisas de ver e passar. Sentimos que era preciso morar longamente nesse bôjo imenso, aqui dormir, pensar e labutar, aqui ficar triste e danado de amor, aqui morrer de fome e de febre deitado no chão.

E por fora a materia dos vidros não tem côr; ela se casa a essa nobre pedra clara como vagas placas de encardida mica.

Rondamos os portais perante esses reis que são longas colunas de pedra, esses anjos de movimento manso, esses profetas impassíveis, de força contida, e os bichos humildes. Não se quis tirar à pedra sua natureza de pedra, ela contém as figuras humanas e divinas mas permanece a pedra que resiste e sustenta a pedra, a pedra que se alteia sobre a pedra para compor esse grande cântico no ar.

Na rua vemos caras dos vendedores de tapêtes do ano de 1200 que aparecem nos vitrais; e essa perdiz que comemos tem o gosto da planura triste que lançou para Deus essa Igreja, como um gesto sereno.

24. 12. 50